Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Faculdade de Educação (FaEd)
Secretaria de Educação à Distância e Formação de Professores (SEDFOR)
Curso de pós-graduação em
Relações étnico-raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino de História e Cultura brasileiras
(2017-2019)

GÊNERO E SEXUALIDADE: EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM CAMPO GRANDE- MS.

Autor

Pedro Aprigio dos Santos

Orientador

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani

Resumo

Gênero e sexualidade são questões que estão presentes na agenda política nacional, na mídia, na escola, na religião e na sociedade como um todo. O presente trabalho analisa as questões referentes ao gênero e a sexualidade em uma escola pública na periferia em Campo Grande, MS. Analisa como os docentes se informam, entendem/tratam e quais são os desafios ao abordarem esta temática na escola, em sala de aulas.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação. Respeito.

1. Introdução

Gênero e sexualidade são questões que estão presentes na agenda política nacional, na mídia, na escola, na religião e na sociedade como um todo, mas contudo,

não basta apenas saber e reconhecer que eles existem, é preciso sobretudo, compreender como o gênero e sexualidade são construídos, vivenciados nos contextos, culturais, políticos, jurídicas, educacionais, religiosos e midiáticos.

A realidade nos mostra que ainda há muito racismo, preconceito, discriminação para quem é diferente, e não segue normas não estabelecidas pela hegemonia política, cultural, social, econômica e histórica.

A presente pesquisa analisa as questões referentes ao gênero e a sexualidade em uma escola pública na periferia de Campo Grande, MS. Além disso, como os docentes se informação/formam e trabalham estes assuntos em suas aulas.

Este trabalho está organizado em três partes, a saber: na primeira busca analisar o que é gênero: conceitos e desafios educação. A segunda, fala sobre os desafios em abordar gênero e sexualidade na escola em sala de aula de aula e por ultimo, gênero e a sexualidade na escola: teoria e prática.

Gênero: conceitos e desafios na educação

Diante da natureza do trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo na abordagem qualitativa pois, esta permite um contato direto e flexível com as pessoas envolvidas no estudo. Esta forma de trabalho/pesquisa cria um contato mais próximo com as pessoas durante todo processo, além disso, é possível ter maiores esclarecimentos.

Para alcançar os objetivos propostos usamos, como instrumento de produção de dados as entrevistas, as mesmas foram realizadas através de questionário semi-estruturado com perguntas abertas com 4 (quatro) docentes, sendo três homens e uma mulher de uma escola estadual na periferia de Campo Grande-MS. A pesquisa focou nos profissionais da educação que trabalham no período matutino e noturno abrangendo as áreas das ciências humanas e biológicas. A escolha dessas áreas (ciências humanas) é porque elas são mais flexíveis ao abordarem a temática; as biológicas por terem uma visão binária, mecanicista do corpo e do sexo.

Em nossa sociedade falar sobre gênero e sexualidade, não é fácil, pois essa temática gera muitas discussões às vezes carregadas de preconceitos, discriminação e

ódio para com quem tem determinados comportamentos que fogem dos padrões estabelecidos pela cultura heteronormativa, homofóbica e excludente.[1]

Conforme a nigeriana Chimamana Ngozi Adichie , "não é fácil conversar sobre as questões de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. [...] Porque a idéia de mudar o *status quo* é sempre penosa." (ADICHIE, 2012, p. 26). Até mesmo dentro do sistema educacional, na escola e em sala de aula é um desafio tratar sobre a temática, seja por ignorância ou negligência do corpo docente, ou ainda por falta de apoio dos órgãos superiores como: Secretaria de Estado de Educação (SED) e direção/coordenação da/na escola, tudo isso impede que o debate aconteça realmente na escola ou em sala de aula. A educadora Guacira Louro relata que

> em termos de políticas curriculares ou até mesmo de práticas escolares, gênero e sexualidade ainda parecem ser tratados quase que exclusivamente como temas que devem ficar restritos a um campo disciplinar: a Educação Sexual." (LOURO, 1997. p. 127-128.)

Encontramos uma lacuna enorme na formação/graduação dos professores e formação continuada no que diz respeito ao gênero e a sexualidade. Os professores entrevistados relataram que na graduação não tiveram formação referente a essas categorias. A escola não tem projetos nem formação continuada no que diz respeito a essa problemática.

Os docentes relatam ainda os desafios, as dificuldades para discutir, trabalhar tais questões em sala de aula, isso porque não há de fato um amparo dos órgãos superiores na ação/prática. Além disso, a escola e a sociedade vive numa concepção tradicional e religiosa muito forte referentes a temática, impossibilitando uma real discussão, um debate com estes temas não somente em sala, mas também na escola.

O gênero e a sexualidade são questões problemáticas que estão presentes nos mais diversos discursos/cenários da sociedade. Mas é necessário compreender como o gênero e sexualidade são construídos, vivenciados nos contextos, culturais, políticos, jurídicas, educacionais, religiosos e midiáticos.

Segundo o professor Cícero[2] de História, um dos envolvidos na pesquisa o gênero é, "uma construção social; [que]leva em conta a questão cultural." Nesta mesma

---

[1] Para maiores esclarecimento no que diz respeito a problemática da homofobia, especificamente na escola é necessário lê o trabalho de: BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING. M. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil). Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 21-38, jan/abr: 2011. Editora UFPR. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a03>. Acesso em 22/05/2019.

[2] Os nomes dos professores envolvidos na pesquisa são fictícios para preservar sua(s) identidade(s).

linha de pensamento, o professor Ney MS de biologia afirma que o gênero "é uma identidade social, onde o indivíduo se reconhece e se identifica com a sua maneira de ser, e de viver sem os rótulos impostos pela sociedade." Segundo, Josué professor de Sociologia o "gênero é a diferença social entre homens e mulheres." Para a professora Minerva de Biologia o gênero é um das formas de classificar e distingui masculino e feminino. Pois ele "Identifica e diferencia os homens e as mulheres: gêneros masculino e feminino."

Os desafios em abordar gênero e sexualidade na escola em sala de aula

A sociedade não é una/única, estática ela é plural, dinâmica em todos os sentidos. É necessário e urgente quebrar tabus, derrubar barreiras, as quais impedem o debate acadêmico, profissional, civil, laico referente ao gênero e a sexualidade em especial dentro na educação básica, na escola pública, para que todos tenham cidadania e sejam tratados com igualdade. Segundo o professor Cícero, "no Brasil ainda é um tabu em muitas famílias e nas escolas falar sobre [gênero]sexualidade." Mas é necessário falar sobretudo na escola sobre a temática, pois os adolescentes precisam e tem o direitos de ter informações e conhecimentos no que diz respeito a realidade na qual eles e a sociedade vivem.

Durante a pesquisa, se constatou que no Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul- Ensino Médio, de 2012, há uma referencia sobre a educação para igualdade de gênero. Embora uma parte dos docentes não se recorda ou não sabe dessa referência ou temática. Diz o texto do citado referencial:

> A educação para a igualdade de gênero diz respeito a uma prática educativa atenta ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas com base na diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de "masculino" e "feminino" como construções sociais. Atualmente, demanda-se a inclusão das categorias de gênero, assim como a de etnia, na análise dos fenômenos sociais, com o fim de retirar a invisibilidade das diferenças que existem entre os seres humanos e que, às vezes, ocultam discriminações. A temática está respaldada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/Orientação Sexual e Pluralidade Cultural (MEC).
>
> Por meio dessas orientações, os PCNs oferecem subsídios para que as escolas permitam aos estudantes o livre acesso aos diversos conjuntos de conhecimentos, sejam eles os elaborados socialmente na história, os acumulados com o tempo e os reconhecidos como sendo oportunos para o exercício da plena cidadania. Observando tais questões, as relações de gênero, no espaço escolar, também propiciam o questionamento de papeis estabelecidos aos homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e sua flexibilização.

> Faz-se necessária uma compreensão integral e transversal dessas problemáticas. Embora possuindo especificidades, os processos sociais de estigmatização e discriminação, baseados no gênero, articulam-se de modo complexo e necessitam de uma abordagem conjunta. Precisam, em especial, ser analisados à luz dos direitos humanos, para que os preconceitos possam ser combatidos na escola e fora dela. (REFERENCIAL CURRICULAR, 2012, p. 37-38)[3].

Embora o referencial curricular faz referencia ao gênero (e a sexualidade) a escola não desenvolve projetos, nem tem formação continuada sobre tais temáticas. Mas os professores são unânimes quando se trata da importância de falar, discutir, ter projetos para o corpo funcional, ou melhor, o público da escola, referentes ao gênero e sexualidade.

Segundo o professor de biologia, Ney MS, é importante trabalhar em cima dessa temática com a finalidade de temos uma sociedade mais humana que respeite o outro com de fato ele é. Pois cada um é diferente e tem o direito de viver como se sente melhor ou feliz. Segundo este docente:

> Gênero é uma questão do indivíduo se identificar e compreender como ele é, e entender que todos somos diferentes em muitos aspectos, e em outros somos todos iguais independente de nossas opções moral, sexual ou religiosa e, por isso, devemos sempre respeitar a opção do outro. [A escola precisa trabalhar sobre gênero e sexualidade]. Não existe uma forma ou apenas um momento para trabalhar esse tema, essa é uma questão que precisa ser abordada por todos os membros da comunidade escolar. [Por quê?] Simplesmente porque em nossa comunidade escolar temos alunos que se identificam pertencentes a gênero diferentes dos gêneros tradicionais classificados biologicamente em nossos livros, e por respeito e esclarecimento de todos esse tema tem a obrigação de ser abordado na escola.
> (NEY MS).

A escola deve trabalhar esses temas dentro de um contexto que envolva todas as disciplinas para que gere efeitos concretos e produza uma consciência de respeito para com o outro, o diferente. A escola precisa vivenciá-los "através de projetos que envolvam todos os alunos. Porque [a temática] diz respeito a diversidade; diz respeito a tolerância; diz respeito a vida humana." (CICERO).

A realidade nos mostra que infelizmente algumas pessoas (e neste contexto os/as adolescentes /educando/as) sofrem violência, moral, psicológica, verbal, física, cultural. Eles são vítimas de preconceitos, discriminação por não seguirem

[3] Para maiores informações sobre esta temática no Referencial Curricular e em cada disciplina, leia todo o Referencial. Disponível em: <file:///C:/Users/Meus%20documentos/Downloads/REFERENCIAL_CURRICULAR_2012_ENSINO_M%C3%89DIO.pdf.> Acessado em 07 abr de 2019.

determinados padrões culturais, sociais, políticos, jurídicos, religiosos sobre gênero e sexualidade como relataram os professores no decorrer das entrevistas. Mas o que é preconceito e discriminação?

> Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos. (JUNQUEIRA, 2009, p. 54).

Essas pessoas (os/as adolecentes/educandos/as) sofrem todo tipo de violência nos mais variados cenários da sociedade por viverem ou mostrarem "experiências desajustadas às normas e convenções quando o assunto é gênero e sexualidade" (DUQUE, 2017, p.60). É lamentável como diz, Guacira Lopes Louro, conviver com um sistema que classifica e discrimina outro porque não se encaixa nos padrões ditos normais.

> É intolerável conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque seu modo de ser homem ou de ser mulher, suas formas de expressar seus desejos e prazeres não correspondem àquelas nomeadas como "normais". (LOURO **,** 2002**,** n. 46, p. 201).

A realidade nos mostra que na sociedade brasileira há muito preconceito, intolerância e violência para com o diferente, sobretudo quando se trata de gênero e sexualidade, ou como determinadas pessoas se reconhecem e vivem a sexualidade. Tais

> atitudes de discriminação [...] impedem o reconhecimento de todos os seres humanos como pertencentes à mesma humanidade. O grande risco da não aceitação do diferente encontra-se em gerar violência e exclusão, como ocorre nos casos de xenofobia, homofobia, racismo, de preconceito de classe social ou contra a mulher. (ARRANHA; MARTINS, 2016, p. 40).

A sociedade é composta por pessoas de todo tipo, raça, cultura, religião, entre outras formas. Por ser plural ela é uma realidade dinâmica de múltiplas relações/identidades. A escola não está às margens dessas realidades, ela vive as consequências desta sociedade.

A escola é uma das mais importantes instituições sociais criada pelo homem ao longo dos tempos. Mas, é necessário saber se ela em especial a pública, em seu sistema e prática de ensino constrói um ambiente de formação nos parâmetros da promoção pelo respeito e convivência da diversidade religiosa, cultural, sexual, política, social, intelectual, ou classifica, discrimina e exclui.

A escola hoje vive um grande desafio, pois ela é obrigada a acolher aquelas pessoas que vivem as margens dos padrões estabelecidos pela hegemonia. A escola, ou melhor, os profissionais em/da educação precisam rever seu modo de ser e ensinar nesse cenário de múltiplas mudanças. Os sistemas educacionais precisam de fato executar na prática a questão sobre igualdade de gênero e respeito a diferença, pois

> o atual momento educacional parece que explicita uma trajetória histórica e social de reivindicações dos movimentos sociais e de comprometimentos da gestão pública. A educação e a escola têm se deparado com projetos, recomendações e diretrizes que apontam para inquietantes debates, entendimentos e problematizações de questões como: políticas afirmativas, inclusão curricular, formação para cidadania, parcerias e interfaces, perspectivas holísticas, combate aos estereótipos, promoção da eqüidade, respeito à diversidade, aceitação da diferença, extensão de direitos, diminuição de danos, educação continuada, ação de multiplicadores(as)...
> Afinal, que Educação Sexual nós queremos? Que pressupostos a norteiam? Que premissas e fundamentos ela apresenta? Que sujeitos visibiliza, que sujeitos ela oculta e como os interpela? Os contextos políticos, mundial, nacional e local, acenam para que prática(s) pedagógica(s)? (FURLANI, 2009, p. 294).

O gênero e a sexualidade na escola: teoria e prática

A temática de gênero e sexualidade esteve ausente na graduação dos professores[4], além disso, a escola não tem projetos nem formação continuada(como já citamos neste trabalho) sobre a questão. Mas todos por várias razões e circunstancias (profissionais/pessoais) buscam informações/conhecimentos no que diz respeito temática.

O professor e a escola se encontram em um contexto de múltiplas e complexas realidades. Este cenário faz com que ambos, entre outras coisas conheçam melhor a questão sobre gênero e sexualidade para apresentá-la, debatê-la com fundamentos acadêmicos, com conhecimentos de causa e efeito na sociedade.

Os docentes envolvidos nesta pesquisa, sentem a necessidade de formação sólida, apoio da Secretaria Estadual de Educação(SED), da coordenação, direção e das famílias, sobre estes temas para que possam trabalhá-los em sala de aula. Consoante o docente Ney MS, ele busca informações, conhecer melhor estes temas para adquirir melhores argumentos acadêmicos e mediar determinadas situações em sala de aula, ou na escola. Portanto ele buscar conhecer

[4] Apenas o professor de Sociologia teve formação na graduação sobre gênero/sexualidade.

> muitas vezes [...], por curiosidade e também uma forma de me preparar para enfrentar e esclarecer ou mediar algumas situações relacionada ao tema que surge em sala de aula. [Em suas aulas ele sempre] procura mostrar com situações e exemplos que todos somos homens e mulheres, masculino e feminino, macho e fêmea que na verdade somos 99% biologicamente iguais, apenas temos necessidades e opções diferentes. (NEY MS).

A escola deve possibilitar meios necessários para que se possa trabalhar estes temas, os quais interessa a todos envolvidos nas mais diversas estruturas sociais, ou sociedades, especificamente nos sistemas escolares. Mas para isso, como relata a professora Minerva de Biologia, é urgente acabar com moralismo com a concepção tradicional e derrubar as barreiras, pois

> ainda existe muito preconceito sobre o assunto as informações precisam ir além da transmissão é necessário promover diálogos e romper com a visão moralista e conservadora sobre sexualidade que reproduzem valores machistas, e homofóbicos. A sociedade ainda é muito preconceituosa não percebe que quando se fala de sexualidade não é de sexo exclusivamente que se fala e sim de vários assuntos que esta relacionado com cidadania como informações sobre direito a saúde, políticas publicas de prevenção a DSts,etc.(MINERVA).

A escola em especial a pública precisa de um ambiente em que de fato aconteça formação, debate, pesquisa sobre gênero, sexualidade, respeito ao diferente. Além disso, tais questões devem constar no projeto político pedagógico (PPP), no regimento escolar entre outros documentos. Seffner, 2009, ao falar dessas questões, ou seja, sobre gênero e sexualidade põe alguns pontos que ajudam a todos no âmbito escolar, visando a promoção do outro como um ser de dignidade e valor, a saber:

> a) O objetivo maior de todas as ações de inclusão é criar um ambiente de respeito e valorização da diferença, então, não se trata de abordar gueis, lésbicas e travestis como "coitadinhos" que necessitam apenas de proteção, mas como sujeitos que trazem uma discussão importante para todos, inclusive os heterossexuais, sobre o respeito à sexualidade e à diversidade sexual.
> b) A adequada discussão dessas questões deve ser feita sempre levando em conta que a escola é um espaço público, e necessariamente laico. Desta forma, aquilo que as religiões pensam e dizem acerca da sexualidade humana não deve virar regra dentro da escola. As regras da escola são as regras do espaço público, regras democráticas de convívio, valorização e respeito da diferença.
> c) As questões que dizem respeito à inclusão da diversidade sexual, à valorização da diferença, à construção de um ambiente de respeito e acolhida para com as diferentes formas de viver a sexualidade devem constar claramente nos documentos oficiais da escola, quais sejam, o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Regimento Escolar, os Planos de Ensino e de Estudo etc.
> d) Dada a complexidade e o caráter polêmico das questões que envolvem a sexualidade, bem como a forte presença de movimentos sociais e a influência

> das igrejas neste assunto, recomenda-se que a escola busque parcerias para abordar estes temas. (SEFFNER, 2009, p. 136- 137.).

É necessário entender que a sexualidade é algo ultrapassa as concepções religiosas, tradicionais e a "normatização". Ela não é estática, ou seja, fixa, ela é múltipla e transitória. Segundo Furlani a sexualidade depende da "satisfação de necessidades humanas básicas, quais sejam: desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor." (FURLANI, 2009, p. 302).

Ao falar de gênero e sexualidade consequentemente se refere ao corpo, pois é através dele e por ele que existimos e nos relacionamos, sem o mesmo não existe a sociedade é impossível haver relações sociais e afetivas. Mas conforme as regras, normas sociais o corpo pode ser um objeto "normal" ou "anormal", certo ou errado, legal ou ilegal, enfim, de inclusão ou exclusão.

É impossível vive e se relacionar em sociedade sem o corpo. Mas o corpo só faz sentido em sua multiplicidade de funções, em sua interelações, pois a "somaticidade é componente fundamental do existir, do viver, do conhecer, do desejar, do fazer, do ter," [...] (MONDIN, 2008, p, 32).

Pensar sobre as várias formas de viver a corporeidade e a sexualidade é de fundamental importância para compreensão da diversidade com uma multiplicidade cultural. Segundo Silvio Gallo, filósofo brasileiro,

> um dos desdobramentos da corporeidade é a sexualidade: todo corpo humano é sexuado. Em uma visão mecanicista do corpo, podemos afirmar que o sexo é algo puramente biológico e definido por características com as quais nascemos – excluindo alguns tipos de distúrbio genético, existem o sexo feminino e o sexo masculino. Isso nos leva a concluir que existem mulheres, aquelas que são do sexo feminino, e homens, aqueles que são do sexo masculino. Com base nisso, também somos levados a crer que há coisas que se relacionam exclusivamente às mulheres e compõem o universo feminino e outras que são exclusividade dos homens, do universo masculino.
> Será que as coisas são tão simples assim? Como compreender, por exemplo, que existem homens e mulheres que gostam de se vestir de acordo com os padrões estabelecidos para o sexo oposto (homem que gosta de se vestir de mulher e vice-versa)?
> Para entender a complexidade dessa questão, precisamos recorrer a uma visão não mecanicista do corpo. A forma como nos vestimos, por exemplo, deve ser considerada numa dimensão simbólica, que diz respeito ao modo como representamos e vivemos nossa corporeidade, e que, portanto, se coloca para além do biológico.
> Se o corpo não é apenas matéria, se ele existe em uma determinada cultura, assuntos ligados à sexualidade estão relacionados à dinâmica da vida humana e não apenas traços físicos ou biológicos. (GALLO, 2016, p.110).

Como já citamos neste trabalho, vivemos em uma sociedade heretonormativa, preconceituosa e moralista, sobretudo quando o assunto diz respeito ao gênero e a sexualidade. É necessário vê e respeitar as múltiplas identidades que se encontram na escola e em toda sociedade. Assim sendo, a escola deve criar projetos, meios em que gênero e sexualidade sejam trabalhados em conjunto com todos os segmentos da sociedade. Segundo a professora Minerva que leciona biologia, é indispensável que a escola informe, promova reflexões sobre os aspectos que envolvem a sexualidade, pois falar em

> sexualidade envolve diversos fatores como repressão, poder, preconceito, corpo, desejo, paixão, prazer, vida, etc. A escola deve se preparar para tratar de forma adequada às questões relacionadas com a sexualidade com os estudantes, pois, apesar da grande liberdade sexual que temos hoje ainda existem grandes tabus e mistificação com relação a sexo.(MINERVA).

Embora de um lado, encontramos na sociedade ainda muito preconceito, exclusão para com aqueles que são "anormais" ou que não se encaixam em determinados padrões. Do outro, graças aos estudos da teoria pós-colonial, pós-modernismo e dos estudos culturais,

> a diversidade sexual vêm se colocando com uma força cada vez maior, ainda que uma sociedade moralista a combata. Além disso, ela amplia nossa reflexão a respeito da distinção de gênero. No campo da filosofia, Deleuze e Guattari alertam que há muitas "camadas" nas formas como vivemos a sexualidade: se ela costuma a ser reduzida a dois gêneros é uma razão de aparelho social repressor que procura conter os jogos do desejo. Mas cada pessoa "embaralha" em si mesma o masculino e feminino, o heterossexual e o homossexual, de modo que a distinção de gênero e orientação sexual é sempre algo transitório e que se faz em determinado contexto, não algo que determine, de fato, como vivemos nosso corpo, como experimentamos o desejo, como construímos aquilo que somos. (GALLO, 2016, p.112).

Vivemos em uma sociedade pluralista e dinâmica em que a pessoa pode e deve assumir várias identidades ou performance[5]. De fato não há uma identidade fixa, mas muitas durante a existência da pessoa.

O gênero e sexualidade precisam ser estudados, discutidos em todos os setores da sociedade, especialmente a educação/escola. A LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação) em seus artigos I e II reza que:

> Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino

[5] Para maiores esclarecimentos no que diz respeito a "performance" é necessário fazer a leitura da obra: DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis:** um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. Campo Grande,MS: Ed. UFMS, 2017.

> e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais
> Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Portanto, sabemos que a educação é capaz de transformar a pessoa e construir uma sociedade humana, que respeite e valorize "as diversidades". Por fim, cada pessoa e toda sociedade precisa reconhecer, valorizar, respeitar o jeito de ser, pensar e agir do outro como sujeito de valor e dignidade que ultrapassam os sistemas políticos, sociais e culturais, econômicos, jurídicos e educacionais. Frente a tudo isso, é possível promover a vida, construir uma sociedade mais compreensiva, justa e humana.

Considerações finais

Gênero e sexualidade são problemáticas que devem ser discutidas/debatidas em todos os setores sociais públicos e privados, em especial na educação pública, em sala de aula.

É necessário, conhecer, estudar, pesquisar, compreender, gênero, sexualidade e suas manifestações na sociedade. Além disso, promover a efetivação da cidadania e dos Direitos Humanos.

Durante a pesquisa foi detectado que há uma lacuna enorme sobre essa temática na formação dos profissionais em educação tanto, na graduação quanto na formação continuada na/pela escola. Estes docentes tem grandes dificuldades em trabalhar essas temáticas em sala, isto acontece por falta de apoio da Secretaria Estadual de Educação (SED), coordenação e das famílias.

Portanto, os sistemas de ensino, todos nós precisamos rever se nossas ações inclui, respeita e valoriza as inúmeras identidades ou excluir, classifica e julga os que são diferentes, ou seja, aqueles que não estão na normatização. Enfim, é preciso saber que visibilidade a escola, professor e a sociedade dá a essas problemáticas (gênero e sexualidade)?

Referências bibliográficas:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARRANHA, Maria; MARTINS, Maria. 6ª ed. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016.

BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING. M. **Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil).** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 21-38, jan/abr: 2011. Editora UFPR. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a03>. Acesso em 22/05/2019.

BRASIL, Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis:** um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. Campo Grande,MS: Ed. UFMS, 2017.

EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO. Disponível em: < file:///C:/Users/Meus%20documentos/Downloads/REFERENCIAL_CURRICULAR_2012_ENSINO_M%C3%89DIO.pdf.> Acessado em 07 abr de 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos**. In: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (org). – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.p.p. 21-22. disponivel em:<http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>.Acesso em 08 mar. 2017.

MONDIN, Battista. **O homem quem é ele?** : elementos de antropologia filosófica. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SEFFNER, Fernando. **Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar.** In: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (org). –

Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.